

A luz também fala: a utilização da transição solar na concepção de iluminação do espetáculo “Manifesto”. PIBIC/FUNCAP. Orientadora: Profa Dra. Cecília Maria de Araújo Ferreira.

Este trabalho é uma análise acerca da concepção de iluminação cênica do espetáculo “Manifesto”, montagem realizada pelo aluno Thiago Gomes durante a disciplina Processo de Encenação III, ministrada pela Profa. Dra. Cecília Maria de Araújo Ferreira no decorrer do primeiro semestre de 2018, que posteriormente tornou-se parte do repertório artístico do Coletivo Dama Vermelha, residente da cidade de Juazeiro do Norte - CE.

Tal encenação, na qual participo como intérprete-criadora, utiliza como composição visual e dramática o artifício da transição da luz do pôr-do-sol para a noite como forma de reafirmar seu discurso cênico: o de mulheres artistas em crise consigo mesmas, com suas criações e com o atual cenário político, que desfavorece cada dia mais o fazer artístico. Discurso este que é embasado nos questionamentos sobre as concepções tradicionais de arte, nos estudos dos Manifestos escritos pelos movimentos de vanguarda europeus do século XX como veículo para a explosão de novos fazeres que vem ocorrendo no século XXI e no conceito de Performance Art como um marco revolucionário para a história da arte.

As metodologias utilizadas para a concepção de luz foram baseadas no processo criativo desenvolvido ao longo de quatro meses, em que a escolha de pensar um espetáculo que ocorresse de forma itinerante foi resignificando a concepção de luz. Remetendo à ideia de ritualização do espaço no instante-presente, a utilização da luz solar ganha um caráter performático que entra em diálogo com a proposta de cena desenvolvida em coletivo durante o processo, pois sendo natural, não há como controlar possíveis adversidades causadas pelo ambiente.

A concepção também foi pensada a partir do conceito artaudiano de uma iluminação que resignifique a atmosfera do espaço, e consequentemente, os estímulos sensoriais causados no/a espectador/a. Assim, surgiu a ideia de iniciar o espetáculo ao pôr-do-sol, criando conexões com o texto que abria a cena e expandido a percepção em relação ao espaço, pois a paleta de cores que o horário escolhido mostrava, reverberava na disposição dos outros elementos trabalhados em cena, proporcionando uma experiência sinestésica e totalmente locada no presente.

À medida que o sol se punha e a noite se tornava mais densa, passávamos a utilizar iluminação artificial na composição das cenas. Porém, a transição que a luz do sol fazia ao longo da cena, ia complementando as atmosferas que o espetáculo estava se propondo a causar, sendo assim um dos principais fios que conduziam o nosso discurso-manifesto.

PALAVRAS CHAVE: luz solar; processo de criação; luz-manifesto.

Referências

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BANKS, Adam; FRASER, Tom. **O guia completo da cor**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

CAMARGO, Roberto Gill. **Função estética da luz**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GOMES, Thiago Silva. **É preciso abrir a porta: Manifesto**. 2018. 96 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Regional do Cariri (URCA). Crato, 2018.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.